

Sociologias

Sociologias

ISSN: 1517-4522

revsoc@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Zöllner Ianni, Aurea Maria

Choque antropológico e o sujeito contemporâneo. Ulrich Beck entre a ecologia, a sociologia e a política

Sociologias, vol. 14, núm. 30, mayo-agosto, 2012, pp. 364-380

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=86823623012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Choque antropológico e o sujeito contemporâneo.

Ulrich Beck entre a ecologia, a sociologia e a política

AUREA MARIA ZÖLLNER IANNI*

Resumo

A obra de Ulrich Beck sobre a Sociedade de Risco tem sido muito discutida e difundida no âmbito da teoria social contemporânea, porém, no Brasil ainda são poucos os seus títulos publicados. Este trabalho oferece uma oportunidade de aproximar o público brasileiro à obra desse autor. Os livros *Ecological Enlightenment. Essays on the politics of the Risk Society* e *La Sociedad del Riesgo Mundial. En busca de la seguridad perdida*, de Ulrich Beck, consistiram no material da análise. O artigo é uma reflexão crítica sobre o “choque antropológico” e a conformação da política nas sociedades contemporâneas, segundo as formulações desse autor.

Palavras-chave: Sociedade de risco. Choque antropológico. Sociologia. Política. Ecologia.

Anthropological shock and the contemporary subject. Ulrich Beck on ecology, sociology and politics

Abstract

The work of Ulrich Beck on the Risk Society has been widely discussed and disseminated in the field of contemporary social theory, although few of his books have been published in Brazil. This article provides an opportunity to present this author's work to the Brazilian reading public. His two books entitled *Ecological*

* Pós-doutora pela Universidade Estadual de Campinas (2009). Professora da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP) (Brasil). E-mail: aureanni@usp.br

Sociologias, Porto Alegre, ano 14, nº 30, mai./ago. 2012, p. 364-380

Enlightenment. Essays on the Politics of the Risk Society and *La Sociedad del Riesgo Mundial. En busca de la seguridad perdida* constitute the basis of this analysis. This article is a critical reflection on “anthropological shock” and politics in contemporary societies, in accordance with Ulrich Beck’s formulations.

Key words: Risk society. Anthropological shock. Sociology. Politics. Ecology.

O contexto do estudo

Ulrich Beck, teórico da Sociedade de Risco, tem sido um autor pouco discutido pelas ciências sociais brasileiras, ainda que sua obra fundante, *Sociedade de Risco. Rumo a uma nova Modernidade*, date de 1986¹. O estudo do conjunto da sua obra sobre a Sociedade de Risco, guarda, nesse sentido, um certo ineditismo no Brasil, considerando-se que a maioria dos títulos sobre o tema ainda não estão disponíveis em edições brasileiras².

A obra de Beck sobre a Sociedade de Risco está compilada em quatro livros e, no Brasil, seus trabalhos têm tido maior permeabilidade no campo da produção ambiental (Ferreira 2006, Lieben e Romano-Lieben 2002, Lenzi 2005, Bosco 2011), ainda que não se caracterizem como de sociologia ambiental *strictu sensu*.

O presente estudo compõe uma pesquisa mais ampla sobre a teoria da Sociedade de Risco de Ulrich Beck³. Neste trabalho serão objeto de

1 O primeiro trabalho de Ulrich Beck, intitulado *Risikogesellschaft. Auf dem Weg in eine andere Moderne*. Suhrkamp, Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1986, foi editado no Brasil com o título *Sociedade de Risco. Rumo a uma outra Modernidade*. Trad. Nascimento, S., 1ª Edição. Editora 34, 2010.

2 Além do primeiro livro sobre a Sociedade de Risco editado no Brasil somente em 2010 (ver nota 1), Beck publicou sobre o tema os dois títulos objeto deste estudo, e o livro intitulado *World Risk Society*. 1999. UK: Polity Press and Blackwell Publisher Ltda., perfazendo um conjunto de quatro livros. Considera-se que esses quatro volumes configuram sua obra propriamente autoral sobre a Sociedade de Risco.

3 Ianni, A. M. Z. “Para pensar ambiente e sociedade: a contribuição à teoria da Sociedade de Risco”. Projeto de pesquisa subvencionado pela FAPESP, 2011.

discussão dois livros do autor: *Ecological Enlightenment. Essays on the politics of the Risk Society* e *La Sociedad del Riesgo Mundial. En busca de la seguridad perdida*. De acordo com a cronologia da publicação dos quatro livros sobre a Sociedade de Risco, esses títulos correspondem ao segundo e ao quarto títulos publicados, um em 1991 e o outro em 2007, datas das primeiras edições em alemão. Neste trabalho essas edições corresponderão, sempre, às citações dos anos de 1995 e 2008, respectivamente.

Com base nos dois livros mencionados, apresenta-se a formulação de “choque antropológico” feita pelo autor, e discute-se a relação que ele estabelece entre essa formulação, a sociologia e a política.

As obras em análise

O livro intitulado *La Sociedad del Riesgo Mundial. En busca de la seguridad perdida*, conforme esclarecimento do próprio autor no Prólogo, pretendia ser uma tradução em alemão de uma outra obra de sua autoria, amplamente conhecida e divulgada em diversos idiomas.

Tendo publicado originalmente o *World Risk Society* em 1999, que foi traduzido para mais de dez idiomas, Beck decide, em 2007, publicá-lo em alemão, sua língua pátria. Ao tomar essa decisão, ele diz: “Muitas coisas aconteceram, tivemos que aprender muito sobre os riscos globais desde então. De modo que nasceu um novo livro.” (Beck 2008, p.15)⁴.

As leituras desse livro, publicado em 1999 e reescrito oito anos depois, uma pretensa reedição, revelam o quanto aquele original transformou-se em outro. Do risco autoproduzido pelas sociedades industriais,

4 Todos os trechos das obras de Beck reproduzidos neste artigo foram transcritos de forma livre, do inglês e do espanhol, pela autora.

tema estruturante da publicação de 1999, Beck avança para a política em âmbito mundial, discutindo seus aspectos gerais e “específicos” - por contextos de países, regiões, culturas; por esferas de decisão e execução política; por instituições políticas, seus interesses, fracassos e inconsistências; por movimentos e atores sociais diversos. Sob forte impacto dos atentados de 11 de setembro de 2001 e os subsequentes ataques de grupos islâmicos praticados especialmente na Europa e no Oriente Médio, ele introduz o conceito de risco intencionalmente produzido, tentando compreender uma ação que une fé e política no limiar do século XXI. Esmiúça e desdobra cada conceito, cada categoria, cada formulação feita em suas produções anteriores. Intrigado com fatos e fenômenos os mais diversos, provoca a sociologia a problematizá-los e a encontrar, senão respostas, perguntas pertinentes. Tenta vislumbrar, ou desenhar, o que viria ser a ‘arquitetura’ desta segunda modernidade, encontrar o nexo de conflitos sociais tão diversos e inumeráveis e uma nova forma de sociabilidade política.

Ao final da leitura fica evidente que se tem um novo livro. Não em sentido estrito apenas, mas, sobretudo, um desdobramento da sua própria linha teórica, e até mesmo da sua perspectiva epistemológica. No título *La Sociedad del Riesgo Mundial. En busca de la seguridad perdida* ele enfatiza, e alcança, de forma plena, a esfera da política. Poder-se-ia afirmar que, nele, Beck mergulha definitivamente numa sociologia propriamente política.

Sabe-se que esse trabalho foi reescrito depois da produção de uma série de outros sobre os temas da globalização e do cosmopolitismo. A retomada da sua segunda obra sobre a Sociedade de Risco, portanto, sendo posterior, não poderia deixar de incorporar esse percurso intelectual que lhe permitiu amadurecer as reflexões sobre a esfera política, sobretudo em âmbito mundial. Ao retomar firmemente o tema da política nesse quarto livro, de 2007, Beck chancela, de forma indelével, a política à sua sociologia.

O argumento que aqui se propõe é que há, no bojo da teoria da Sociedade de Risco, em Beck, o desenvolvimento de uma *sociologia política* “beckiana”, da qual esse livro é expressão.

A leitura do outro livro aqui em análise, *Ecological Enlightenment* (1995) - evidentemente um título bastante provocativo e que remete à Escola de Frankfurt⁵ -, revelou, surpreendentemente, que as bases da formulação política de Beck podem ter sido estabelecidas nesse livro, publicado originalmente em alemão, em 1991 (ou seja, mais de 15 anos antes de *La Sociedad del Riesgo Mundial. En busca de la seguridad perdida*). O título *Ecological Enlightenment. Essays on the Politics of the Risk Society* remete a um tema que Beck persegue desde seu primeiro livro sobre a Sociedade de Risco: mostrar como a questão ecológica, e não propriamente ambiental, fez emergir impasses de natureza social que rompem com as tradições dos pensamentos sociológico e político modernos.

Quais são as consequências da questão ecológica [grifo nosso] para as dinâmicas políticas? O problema ambiental não é, de modo algum, um problema do nosso ambiente [grifo nosso]. É uma crise da própria sociedade industrial, afetando profundamente os alicerces das instituições; riscos são industrialmente produzidos, economicamente externalizados, juridicamente individualizados, e cientificamente legitimados (Beck, 1995, p. 127). A transformação dos efeitos colaterais secundários da produção industrial em questões globais de potencial explosivo, não é um problema ambiental, mas uma crise institucional flagrante da sociedade industrial, com um considerável significado político (Beck, 1995, p.2).

5 Uma das obras marcantes da denominada Escola de Frankfurt, ou Teoria Crítica, foi o livro de ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. 1985. *Dialética do Esclarecimento. Fragmentos Filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. Em alemão o título é *Dialektik der Aufklärung – Philosophische Fragment*. A referência ao termo “esclarecimento” no livro de Beck, de certa forma, remete a Adorno e Horkheimer, sugerindo (sem explicitar) o intento de, por meio da questão ecológica, estabelecer a crítica, ou reposicionar o pensamento moderno - a crise como momento de reestruturação fundante.

Sociologias, Porto Alegre, ano 14, nº 30, mai./ago. 2012, p. 364-380

Paradoxalmente ao que o título *Ecological Enlightenment. Essays on the Politics of the Risk Society* sugere, o foco desse livro, de fato, é a sociologia e os desafios que lhe são postos pelos processos sociais contemporâneos, nos quais a problemática ecológica é determinante. Nesse livro, seu intento é o de construir a sua própria crítica sobre os desafios “ambientais”: de que a questão ecológica na segunda modernidade⁶ desafia as bases estruturantes da teoria social moderna em suas grandes vertentes narrativas, “tradicionais” ou clássicas.

Logo no primeiro capítulo, ele diz que:

O que estava em jogo no velho conflito industrial do trabalho contra o capital eram positivities: lucros, prosperidade, bens de consumo. No novo conflito ecológico, por outro lado, o que está em jogo são negatividades: perdas, devastação, ameaças. (Beck, 1995, p.3).

E mais adiante, nesse mesmo capítulo, ele afirma:

No conflito do capital versus trabalho, a redução dos salários se reflete no balancete como aumento do lucro. Por outro lado, no conflito ecológico, onde o que está em jogo são negatividades, não há nenhuma articulação direta possível entre interesses conflitantes (Beck, 1995, p.4).

Será, portanto, a partir da problemática ecológica - e sua expressão social -, que ele vai olhar os desafios políticos, adentrando num campo que se pode identificar como o da *sociologia política*.

6 Em Beck, moderno refere-se sempre à sociedade industrial e ao conhecimento científico produzido, principalmente, até o século XIX. Acompanhando o debate sociológico, ele se referirá à etapa contemporânea como uma segunda modernidade, modernidade pós-industrial, industrial tardia ou tardo-moderna. Neste trabalho, em acordo com Beck, as formulações sobre o moderno estarão sempre referidas aos conhecimentos e marcos da sociedade industrial, e o termo segunda modernidade corresponde à sociedade pós-industrial de fins do século XX; período também mencionado como contemporâneo.

A política em Beck: por meio da ecologia e da autocrítica sociológica

O estudo não pretendeu esgotar a concepção de política ou a teoria política presente na obra de Ulrich Beck sobre a Sociedade de Risco. O objetivo foi apenas o de recuperar o percurso do autor no esforço dessa construção; quer dizer, buscou-se captar a trajetória que Beck percorre e que resulta na construção de uma sociologia política.

As leituras dos dois livros pareceram sugerir que tomar a ecologia como um problema de natureza sociológica foi o fator que o remeteu à autocrítica sociológica e à política. E nesse percurso o “choque antropológico” parece ser o fenômeno que marca a inflexão da sua crítica teórica; por isso o foco da presente análise situa-se principalmente no livro *Ecological Enlightenment. Essays on the politics of the Risk Society*, porque é nele que emerge a questão da ecologia como problema de natureza sociológica e desestabilizadora da política.

Nesse livro, é possível verificar claramente o momento em que o autor realiza a inflexão do seu pensamento; quando ele demarca seus compromissos teórico-epistemológicos com a sociologia, diferenciando-se no cenário do debate ambiental. Daí a tese que aqui se defende, que, em Beck, a política irrompe por meio da problemática ecológica e do “choque antropológico” que ela desencadeia.

No conjunto da obra sobre a Sociedade de Risco, o autor trabalha com o tema da política desde o seu primeiro livro (Ianni 2010, Bosco 2011), mas o que aqui se enfatiza é que a conversão para uma sociologia política acontece mais especificamente em *Ecological Enlightenment. Essays on the politics of the Risk Society*.

No primeiro livro, *Sociedade de Risco. Rumo a uma outra Modernidade*, publicado em 1986, Beck dedica toda a última seção da terceira parte à “demarcação política”. Mas nesse livro, não fica evidente a

construção analítica que ele faz sobre o processo social vivenciado pela população alemã, pós desastre de Chernobyl. Essa construção aparece de forma cristalina em *Ecological Enlightenment*.

A ideia da ‘conversão’ do autor à sociologia política é resultado dessa leitura particular, ou seja, do interesse por essa construção analítica sinteticamente nominada por ele de “choque antropológico”, presente em *Ecological Enlightenment* e não explicitada nos seus demais trabalhos.

Partindo-se do pressuposto de que a sociologia política volta-se para o cenário das situações espaciais, temporais e institucionalmente definidas, ou em transformação no âmbito da sociedade civil (Souza, 2012), e que navega na interface das institucionalidades políticas dadas e da vida privada, considera-se que é em *Ecological Enlightenment* que Beck explicita, por meio da sua análise, como o desastre atômico alterou todo o cenário do tecido social alemão, da esfera privada às esferas pública e institucional daquela sociedade.

No capítulo 4 desse livro, intitulado “Choque Antropológico: Chernobyl e os contornos da Sociedade de Risco”, o autor expressa muito particularmente a sua análise sobre o desastre atômico. O título diz tudo: aborda-se o acidente ecológico e a insegurança social que ele desencadeia.

Questões relativas às transformações antropológicas na sociedade contemporânea aparecerão em outros trabalhos de Beck, mas é nesse seu segundo livro que o termo “choque antropológico” aparece pela primeira vez, e referido à transformação da consciência dos sujeitos; uma questão que, segundo o autor, merece atenção especial da sociologia.

Ao abrir o capítulo, ele informa o leitor de que se trata da reedição de um ensaio sobre o acidente atômico, publicado em 1986 na imprensa local alemã.

Este ensaio, escrito para o amplo público leitor intelectualizado do jornal Merkur, tenta caracterizar e compreender

Sociologias, Porto Alegre, ano 14, nº 30, mai./ago. 2012, p. 364-380

essa transformação da consciência [grifo nosso], em termos sociológicos (Beck 1995, p.64).

E explica:

Em face desse perigo, nossos sentidos nos falham. Todos nós – uma cultura inteira – ficamos cegos mesmo que vendo. Nós vivenciamos um mundo inalterado para os nossos sentidos, por trás do qual houve contaminação e perigo ocultos à nossa visão – de fato, para nossa plena consciência. A duplicação do mundo ocorre na era nuclear. A ameaça ao mundo por trás do mundo permanece completamente inacessível aos nossos sentidos (Beck 1995, p.65).

Como se vê, a questão política em Beck será demarcada a partir da consciência dos indivíduos. Não uma consciência que se produz com relação ao outro - a classe social ou a comunidade, por exemplo, segundo os marcos da sociologia moderna, clássica -, mas em relação à experiência antropológica de insegurança e de incerteza. E será com referência a essa mudança antropológica da consciência que Beck articulará a questão democrática na política, na segunda modernidade. "Na sociedade de risco, cujos contornos se tornam aparentes aqui, surgem desafios inteiramente novos para a democracia." (Beck 1995, p.70).

Segundo ele, o desastre de Chernobyl põe em pauta não apenas o poder nuclear ou a universalização do envenenamento químico das populações, mas, sobretudo, a autonomia da sociedade numa economia guiada pelo desenvolvimento científico-tecnológico.

Para Beck, a discussão dos riscos gira em torno de falsas alternativas na medida em que a sociedade industrial produz alternativas que se opõem entre si, situadas que estão entre a reindustrialização nos marcos do desenvolvimento (*business* ou mais industrialização) e a demanda pela democratização social do desenvolvimento técnico-econômico. Essa contradição resulta num insucesso das políticas que, imersas nessas diferentes

Sociologias, Porto Alegre, ano 14, nº 30, mai./ago. 2012, p. 364-380

possibilidades, encontram-se num cenário de múltiplos consensos passíveis de serem pactuados. Sobre o acidente de Chernobyl, por exemplo, Beck dirá que os diferentes e inúmeros consensos possíveis sobre os níveis de tolerância à contaminação que podem ser suportados pelas populações são uma expressão dessa contradição, ou seja, para ele, na Sociedade de Risco os sujeitos e as instituições que vivenciam e enfrentam situações de insegurança produzem diferentes e diversas possibilidades de consenso político.

A propósito, o que significa “perigoso”? (Beck 1995, p.71). esta questão sociopolítica crucial, que vem gradualmente emergindo através dos conflitos sobre o espectro das novas tecnologias, é bloqueada, contudo, pela discussão de falsas alternativas (Beck 1995, p.70-71).

O acidente nuclear no Japão em março de 2011 reedita esse processo quando o governo, a empresa administradora da usina, a opinião pública, as corporações científicas, os governos de outros países que têm seus cidadãos morando em território japonês e os vários atores sociais que vocalizam a sociedade civil japonesa, discutiam (e ainda discutem), alterando e alternando a cada dia, os níveis de tolerância à contaminação, o raio de distância que se deveria manter dos reatores, o nível de periculosidade da contaminação das águas oceânicas e lençóis freáticos que abastecem a população, o período ideal de retorno à normalidade e aos locais de residência, a tolerância ao consumo dos gêneros alimentícios, etc. etc.

Para Beck, essa discussão oblitera, encobre ou ofusca o caráter social da construção do risco. “Os riscos são constructu e definições sociais sobre o pano de fundo das relações de definição a que correspondem.” (Beck, 2007, p.55).

A construção simbólica da definição do risco que envolve os diferentes sujeitos, atores e instituições (políticas, científicas, agentes da regulação estatal, gestores públicos dos sistemas e órgãos de proteção e seguridade social, movimentos e organizações da sociedade civil, poderes executivos e legislativos nos diferentes níveis dos diferentes países envolvidos ou in-

teressados, etc.), acaba por desnudar um fenômeno perene e intrínseco, ainda que imperceptível, à sociedade contemporânea, o de que há algo que escapa à intervenção política nos moldes da tradição moderna e suas instituições clássicas (Estado, partidos, sindicatos, instituições de pesquisa, associações civis diversas, etc.): “A imperceptibilidade das ameaças e sua inevitabilidade são extremamente instáveis.” (Beck 1995, p.71).

É esse fenômeno político que, segundo Beck, aprofunda e aguça a percepção de fragilidade sentida pelos indivíduos, pois no bojo da insegurança sobre o perigo revela-se, simultaneamente, a profunda fragilidade das instituições modernas, vigentes.

Choque antropológico para ele, portanto, expressa não apenas a “falência” de potencialidades biológicas humanas (que foram decisivas para a conformação e construção dos processos sociais na primeira etapa da modernidade, como por exemplo, o uso dos sentidos e capacidades motoras considerando-se o processo produtivo industrial amplamente ancorado na utilização dos membros do corpo, da visão, etc. - capacidades e sentidos que passam a ser como que enganados, ludibriados, pela invisibilidade e imperceptibilidade dos riscos; neste caso, o atômico), mas expressa também a falência das instituições políticas modernas em sentido estrito e amplo. Uma falência que envolve, sobretudo, os pilares da proteção social de indivíduos, sujeitos, cidadãos. Para Beck, a modernidade, e com ela o homem moderno, vê dissolver, assim, a sua consistência, as bases da sua estruturação, sustentação.

Será, portanto, por meio desses dois componentes do “choque antropológico” – o dos sentidos e o da insegurança social - que ele mergulhará no *cuore* da política:

Algo que ninguém previa e que nenhuma das teorias sociais clássicas antecipou ou mesmo levou em consideração está agora ocorrendo: a destradicionalização atinge os destradicionalizadores com toda a força. Mas essa mudança

Sociologias, Porto Alegre, ano 14, nº 30, mai./ago. 2012, p. 364-380

nos rumos dos acontecimentos não é tão equivocada como pode parecer inicialmente. Consiste mais na continuidade da modernidade, cuja dinâmica intrínseca de dissolução estende-se sob sua forma social, a sociedade industrial. Nela estão envolvidas as consequências ambíguas e invisíveis. Cada um dos monopólios que vêm se desestruturando hoje, encontra-se em contradição com os princípios da modernidade. O monopólio da política esteve sempre baseado numa democracia parcial, deixando a transformação social para a tecnologia e a economia, para a causalidade cega do mercado (Beck 1995, p.73).

Focado na problemática ecológica e na questão democrática, tendo por base o sujeito contemporâneo e sua experiência vital de segurança-insegurança, ele chega à lassidão das instituições políticas modernas, ineficientes, ineficazes e reprodutoras de dinâmicas desiguais, autoritárias e restritivas da modernidade.

Como se vê, Beck não chega à política pela categoria *poder*, determinante nas narrativas das teorias política e sociológica clássicas, e que marcaram toda a produção das ciências sociais no século XIX e grande parte do século XX. Ele se volta para a questão democrática contemporânea a partir das percepções e das construções sociais e simbólicas (Berger e Luckmann 1974, Simmel 2006) que os indivíduos elaboram mediante processos reais, vívidos e inusitados, muito próprios às dinâmicas sociais desta segunda modernidade.

Com a experiência antropológica vivenciada pelos sujeitos envolvidos em situações de risco, as instituições modernas, sem representá-los de fato, e sem (co)responder também aos processos reais por eles experienciados, descolam-se como sistemas abstratos e, ao fazê-lo, reflexivamente, desencadeiam sua própria crise, que é simultaneamente uma crise social em sentido amplo.

A dissonância entre a experiência individual contemporânea e a degenerescência das instituições modernas, posta em evidência pela proble-

mática ambiental por meio da experiência antropológica da insegurança, levará Beck ao cerne da política, alertando as ciências sociais para que revejam suas proposições do século XIX, construindo outras.

Para estabelecer o ponto de partida de uma teoria da sociedade de risco no século XXI é necessária uma crítica das ciências sociais. A sociologia, em parte superespecializada, em parte superabstrata, em parte enamorada de seus métodos e técnica, perdeu a perspectiva da dimensão histórica da sociedade e, por consequência, não está preparada para (nem disposta a) dar-se conta de qual é sua tarefa, a saber, situar a transformação atual do seu objeto de investigação no processo histórico-social e decifrar assim, diagnosticamente, a tarefa histórica da nova era da modernidade. Ao praticar a abstinência histórico-social, a imaginação histórica da sociologia se tornou anacrônica e, ao mesmo tempo, inútil para fazer o que precisamente constituiu sua força ao surgir em princípios do século XX: detectar e sacudir a obsessão apocalítica de suas categorias e teorias. Em vez disso, se perpetua com obviedades sociológicas saturadas de dados massivos que obscurecem os processos e indicadores da profunda insegurança da modernidade em si mesma (cujo espectro vai da autoaniquilação ao autoconhecimento com toda sua sucessão de críticas socioculturais e processos de reflexão) (Beck 2008, p.261).

Ao término do livro *Ecological Enlightenment. Essays on the politics of the Risk Society* ele apresenta três teses para a busca de caminhos rumo a uma modernidade alternativa:

1. A produção industrial da sociedade produz suas consequências. Nesse sentido, a produção de riscos, ameaças e consequências incontroláveis e indesejáveis, sendo constante, põe em questão a garantia segura da proteção privada, o que, de alguma forma, remete ao legado da proteção social.

A chave para combater a destruição do meio ambiente não está no ambiente em si, nem numa moralidade individual diferenciada ou numa pesquisa ou ética de negócios dife-

Sociologias, Porto Alegre, ano 14, nº 30, mai./ago. 2012, p. 364-380

rentes; por sua natureza, jaz no sistema regulatório das instituições que estão se tornando historicamente questionáveis. Sem a sociologia, a questão ecológica permanecerá obscura para a sociedade e impenetrável à ação. A sociologia, contudo, que transfere suas experiências sobre a transformação da sociedade que alcançou o estado de bem-estar para a questão ecológica, pode fazer mais do que simplesmente criticar a ideologia que opõe a perigosa política de confundir natureza e sociedade, que está, atualmente, se disseminando por toda parte. (...) Visto que a questão da causalidade nunca fornece uma resposta ao problema da responsabilidade, a questão do bem-estar poderia e ainda só poderá ser compreendida por meio de convenções e acordos sociais (Beck 1995, p. 140-141).

Para Beck, portanto, cabe retomar e rever, em novos patamares, as questões relativas ao Estado de Proteção Social, agora em contexto histórico moldado por vivências sociais novas, inusitadas, de novas sociabilidades.

2. A produção industrial da sociedade produz sempre o seu oposto. Nesse sentido, os níveis de tolerância e aceitabilidade dos riscos são, simultaneamente, proibidos e permitidos. É a velha assertiva do próprio Beck em toda a sua teoria da Sociedade de Risco, de que a ânsia pela controlabilidade das consequências socialmente produzidas cresce na mesma medida dos clamores pelo controle racional, instrumental, que produz, entretanto, o seu oposto, a incontroleabilidade. “O ponto central é que o veredicto oficial da não toxicidade nega a toxicidade da toxina e, assim, torna-se um salvo-conduto para a poluição.” (Beck 1995, p.141). A contradição entre a permissão e a negação social do risco, ou entre a admissão dos níveis de risco e a limitação dos mesmos, desnuda a crise da racionalidade moderna, convidando os cientistas sociais a um esforço semelhante ao realizado no século XIX: “Nós precisamos reconstruir a teoria da racionalidade instrumental da burocracia como uma teoria Potemkin.” (Beck 1991, p.141).

3. Considerada a dinâmica social em curso, o que se observa é uma corrida para explorar os riscos e as ameaças que promove uma nova arquitetura dos mercados, das demandas individuais e coletivas, dos arranjos institucionais. Nesse sentido, para Beck, reprimir, negar ou “impedir” as ameaças é a única forma legítima, neste momento, de atividade social. Trata-se, sobretudo, de um tempo de “ações simbólicas” contra os agentes da sociedade industrial, capitalista, ali, onde a noção de *uni* ou *monocausalidade* dos riscos e ameaças predomina.

Os objetivos das instituições tornam-se ambíguos e dúbios, não infreqüentemente enriquecidos por outros objetivos paralelos: e assim não apenas ofuscam seus perfis e estruturas, mas tornam-nas dependentes das intervenções e dos indivíduos (Beck, 1995, p.143).

E conclui: A crise ecológica está privando as instituições das bases de sua autonomia. (...) Tudo precisa ser reinterpretado (Beck 1995, p.143).

Considerações Finais

A leitura de Beck, com foco nos riscos socialmente produzidos e o choque antropológico deles decorrentes, pode instigar reflexões sobre a nossa realidade, a brasileira.

Não se teve no Brasil um acidente similar ao de Chernobyl e, por isso, as correlações passíveis de serem estabelecidas entre os processos sociais e eventuais transformações antropológicas não podem ser imediatas, diretamente transpostas das formulações de Beck. É possível, no entanto, familiarizar-se com a estrutura metodológica do seu pensamento, aproximar-se da sua construção teórica e conceitual, olhando outras realidades.

A divulgação dos trabalhos de Ulrich Beck pode, nesse sentido, contribuir para uma aproximação do leitor à sua obra - como já se disse, um autor ainda pouco explorado no âmbito da teoria social brasileira.

Sociologias, Porto Alegre, ano 14, nº 30, mai./ago. 2012, p. 364-380

Estudos sobre a sua obra podem instigar, também, a pesquisa sobre o contemporâneo, abarcando diferentes campos da teoria social: a sociologia, a política, a antropologia, a problemática ambiental, a da incorporação da ciência e tecnologia, a da insegurança, do risco.

Há uma construção teórica sólida em Beck, com grande densidade epistemológica e complexidade sociológica que um trabalho dessa natureza requer. Por isso, a sua produção pode iluminar muitos outros trabalhos. Por meio da sua narrativa inquieta, o autor convida a pensar no obscuro, no incerto, no nebuloso, no imperceptível, como formas de aproximação e visibilidade do real. E diante das pressões racionalizadoras da mundialização da ciência, Beck faz, ainda, um outro convite. Ao construir o seu pensamento ancorado na realidade alemã e na sua própria experiência sócio-histórica – mesmo que não restrito a ela –, ele convida os que queiram debruçar-se sobre suas próprias realidades e experiências a fazê-lo, reafirmando um velho compromisso das ciências sociais com as diversas formas de vida e os diferentes movimentos das populações e suas culturas, suas histórias.

Referências

BECK, U. **Ecological Enlightenment**. Essays on the politics of the Risk Society. Translated by Mark A. Ritter. New York: Humanity Books, 1995. Originalmente publicado como: BECK, U. **Politik in der Risikogesellschaft**. Frankfurt am Main: Copyright Suhrkamp Verlag, 1991.

BECK, U. **La Sociedad del Riesgo Mundial. En busca de la seguridad perdida**. Traducción de Rosa S. Carbó. Barcelona-Buenos Aires-México: Paidós, 2008. Originalmente publicado como: BECK, U. **Weltrisikogesellschaft**. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2007.

BERGER, P. L. e LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade**. Trad. Flávio de Souza Fernandes. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1975.

BOSCO, E. M. G. R. **Ulrich Beck. A teoria da Sociedade de Risco Mundial**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

Sociologias, Porto Alegre, ano 14, nº 30, mai./ago. 2012, p. 364-380

IANNI, A. M. Z. I. Sobre a aplicabilidade da teoria de Ulrich Bech à realidade brasileira: situação de saúde e ação política. **Estudos de Sociologia**. São Paulo, v. 15, n. 29, p. 471-490, 2010.

FERREIRA, Leila C. **Idéias para uma Sociologia da Questão Ambiental no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2006.

LIEBER, R. R. e ROMANO-LIEBER, N. S. O conceito de risco: Janus reinventado. In: MINAYO, M. C. de S. e MIRANDA, A. C. (Orgs). **Saúde e Ambiente Sustentável: estreitando nós**. Rio de Janeiro: Ed.Fiocruz-ABRASCO, 2002.

LENZI, C. L. **Sociologia Ambiental. Risco e Sustentabilidade na Modernidade**. Baurú: ANPOCS-EDUSC, 2005.

SIMMEL, G. **Questões Fundamentais da Sociologia**. Traduzido por Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2006.

SOUZA, N. R. de. **O que é Sociologia Política?** Disponível em: < <http://www2.videolivreria.com.br/pdfs/8697.pdf> > . Acesso em 19/02/2012.

Recebido em: 11/11/2011

Aceite final: 27/02/2012